

QUAL O LUGAR DO ADOLESCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA?

Caroline Maria Nunes¹

Edna Linhares Garcia²

RESUMO

Este trabalho foi produzido a partir de um teórico analítico realizado pela estagiária sob orientação da professora Edna Linhares Garcia no segundo semestre de estágio, realizado em um Serviço-Escola. Desse modo, o presente trabalho possui como propósito apresentar o lugar ocupado pelo adolescente na sociedade contemporânea, bem como romper com o paradigma de que a fase da adolescência é a fase da crise ou turbulência, visto que o adolescente encontra-se inserido em uma sociedade que está em crise e que certamente, reflete no adolescente um sintoma que é de origem do social. É importante frisar que a demanda deste trabalho surgiu através do grupo criado pela estagiária, destinado aos “Responsáveis por Adolescentes”. A partir desta experiência, foi possível constatar que muitos pais encontram-se desorientados, passando por uma situação de crise ao lidarem com seus filhos adolescentes. Porém, percebeu-se essa desorientação, justamente por estes responsáveis se encontrarem em situações de fragilidade. O responsável que chega até o serviço em busca de uma “solução” para o seu filho adolescente que encontra-se em “crise”, logo começa a expor sobre o seu próprio sofrimento psíquico, esquecendo-se da demanda que lhe impulsionou a procurar ajuda para o adolescente, trazendo à tona os seus problemas. Assim sendo, este trabalho faz recortes bibliográficos sobre o tema à partir do viés psicanalítico, bem como realizada uma compreensão clínica-reflexiva à partir da experiência da estagiária no serviço.

Palavras-chave: Adolescência; Lugar do Adolescente; Responsáveis por Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, emerge da tentativa de formular uma compreensão acerca do lugar ocupado pelo adolescente na sociedade contemporânea, bem como as formas que o mesmo vem encontrando para subjetivar-se. Por adolescência, pode-se entender conforme Levisky (1998), como um processo que marca a transição do estado infantil, para o estado adulto. Este movimento depende da cultura e da sociedade em que o adolescente está inserido e se

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul e estagiária do Serviço Integrado de Saúde (SIS) na Abordagem Psicanalítica.

² Docente do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul; Orientador de estágio curricular do Serviço Integrado de Saúde (SIS) na abordagem Psicanalítica.

desenvolvendo. Desse modo, adolecer envolve crescer e atingir a maturidade, porém o autor ressalta que o adolescente se vê cada vez tendo que assumir um nível de autonomia, cumprindo as exigências de seus pais e da sociedade. Dessa maneira, o adolescente parece ter menos condições e tempo para errar, fracassar, reformular, questionar e duvidar, diante das exigências feitas pela sociedade.

Barreto e Rabelo (2015) reforçam que os pais estão estabelecendo frágeis funções parentais. Em meio a sociedade atual, os responsáveis por adolescentes se veem desorientados em certos momentos, não conseguindo se manterem firmes, bem como estipularem regras e exercerem autoridade para com os adolescentes. Os autores complementam que é intensificado o desamparo dos adolescentes, carecendo de referências identificatórias para constituírem-se enquanto sujeitos adolescentes. Assim sendo, com o objetivo de entender esses fatores, este trabalho propõe através de referências bibliográficas e da experiência enquanto estagiária em um Serviço – Escola, sob um olhar psicanalítico, refletir sobre enfrentamentos e dificuldades tanto do adolescente quanto da família ao lidar com esse período transitório. Além disso, o trabalho problematiza a ideia da adolescência como um período de “crise existencial” ou de “turbulência”, tendo em vista que estamos vivendo em uma sociedade que está em crise e que certamente, reflete no adolescente um sintoma que é de origem do social.

2 QUAL O LUGAR DO ADOLESCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA?

2.1 Adoles(sendo)

De acordo com Levisky (1998, p. 35), “a adolescência é um marco fundamental na história do desenvolvimento vital. Há quem diga ser este período um segundo nascimento, no sentido de que primeiro se nasce, e na adolescência começa-se a viver”. Conforme o autor, é na adolescência que o indivíduo irá se redefinir enquanto pessoa, pois encontra-se em uma transição da identidade infantil para a identidade adulta. Levisky (1998), reforça que é a partir desta etapa, que o adolescente irá reviver consciente ou inconscientemente, situações de seu passado.

De acordo com Salles (2005), o conceito de infância e adolescência é uma invenção atual, pois sua especificidade só foi ser reconhecida após a escolarização, que distingue a

separação entre seres adultos e seres em formação. Desse modo, esse processo que se iniciou nas classes sociais mais ricas estendeu-se para toda a sociedade com o passar dos anos. A criança foi então, excluída do mundo do trabalho e de responsabilidades ao ser separada do adulto. Salles (2005) aponta que a identidade do adolescente pode ser caracterizada hoje pela velocidade e pela busca incessante do prazer imediato, no qual, a adolescência passa a ser considerada como um período de experimentação de valores, papéis sociais e de identidade, e também pela ambiguidade entre ser criança e adulto.

Pode-se pensar que a passagem para a adolescência retomará experiências infantis, principalmente os conflitos edipianos que poderão ser revividos. Conforme Levisky (1998), durante a adolescência, o adolescente é capaz de reviver esses conflitos sobre os pais. A partir dessas fantasias sexuais dirigidas ao sexo oposto, o adolescente fica confuso, com medo e remorso, além de ter atitudes de autopunição pelos temores despertados por meio de tais fantasias. Desse modo, o ego para se defender desses sentimentos, cria mecanismos como a negação, a onipotência, a idealização e o ataque ao objeto bom (os pais).

Desse modo, durante o percurso dessas transformações do adolescente, para se auto afirmar, finda por desvalorizar os pais. Porém, para Levisky (1998) este comportamento hostil, não significa que o adolescente deixou de amá-los, pelo contrário, é neste momento que necessita da compressão e do interesse dos pais, por meio da confiança e do amparo. O adolescente exterioriza dessa forma o “assassinato inconsciente” dos pais da infância que carregam em si. De acordo com Gallatin (1986), a crise da adolescência, conforme a teoria psicanalítica, pode ser devido ao reaparecimento durante a puberdade dos conflitos edipianos e sexuais que ocorreram durante a infância e assim, o turbilhão da adolescência pode ser considerado como o resultado de certas experiências críticas durante a infância.

Autores clássicos da psicanálise, tais como Aberastury e Knobel (1984), apontam a adolescência como um momento de elaboração de “lutos”, nos quais, podem ser definidos como perdas de aspectos infantis que o adolescente precisa se desfazer para progredir em direção à vida adulta. Estes “lutos” podem ser considerados como o luto pelo corpo perdido; luto pelo papel e identidade infantis; luto pelos pais da infância e luto pela bissexualidade infantil. Dessa maneira, o adolescente necessita de um espaço para elaborar as questões relativas à adolescência, bem como os lutos vivenciados nessa fase. Em situações nas quais a elaboração desse lutos se dão de forma difícil, envolvendo em muitos casos, sofrimento

excessivo, a psicoterapia se apresenta como uma grande aliada para a elaboração de tais perdas. (SEI; ZUANAZZI, 2016).

Nesta perspectiva, Levisky (1998) aborda que o adolescente atravessa essa fase da vida com muito sofrimento e turbulência, em consequência das perdas sucessivas que ocorrem em seu corpo infantil, no seu mundo interno e na qualidade de suas relações consigo mesmo, com as pessoas, com o tempo e com o espaço. Passa a adotar novos objetivos de investimento afetivo à medida em que lutos pelos objetos e partes da infância vão sendo elaboradas. As transformações corporais, a perda da bissexualidade, da identidade infantil e dos pais da infância, constituem os elementos que deverão ser trabalhados pelo ego, no qual requer um processo longo para a elaboração do luto.

Em seguida, Levisky (1998) aponta que esse conjunto de transformações podem ser caracterizados como a “*crise normal da adolescência*”, no qual podem ter repercussões diretas na vida relacional, fundamentalmente com os pais reais. Surgem confrontos que são acrescidos pelas ansiedades, decorrentes de transformações pelas quais os pais também estão passando. Este pode ser considerado como um período crítico, conturbado por redefinições de natureza existencial, e que coloca a personalidade dos pais em questionamento. Assim sendo, a “*crise normal da adolescência*” pode ser definida como um período no qual ocorre transformações de diversas formas, tanto de origem biológica, psicológica e social. Porém, é importante considerarmos que o adolescente em crise, por vezes, está vivendo em uma família e sociedade em crise e por isso, encontra-se desorientado, sem referências identificatórias.

Salles (2005), reforça que a tendência para o prolongamento da adolescência e da juventude na sociedade contemporânea vem aumentando gradativamente. Conforme a autora, o tempo de estudo se prolonga, a entrada no trabalho se dá mais tardiamente e a constituição da própria família é postergada. De acordo com Rocha e Garcia (2008), vivemos em um mundo “*teen*”, podendo-se dizer que a adolescência enquanto ideal se apresenta como resposta ao mal-estar na cultura ao se tornar o representante do ideal de liberdade, no qual, adultos vem querendo ocupar a todo momento. Os adolescentes de hoje, representam a liberdade, o que se confunde na fantasia de um gozo sem limites. A adolescência contemporânea é idealizada por todos como a liberdade de experimentar, de realizar novas escolhas, ainda sem as responsabilidades do mundo adulto. Dessa maneira, os adolescentes contemporâneos demonstram ter herdado de certa forma, o direito e o dever de gozar a vida e toda a liberdade que lhe é ofertada, o máximo possível.

Ainda de acordo com Rocha e Garcia (2008), a adolescência como ideal parece intensificar o desemparo dos adolescentes, em um mundo no qual as regras são feitas por eles e para eles. Autores como Kehl (2001) e Calligaris (2001), citados por Rocha e Garcia (2008), observam na clínica, que os jovens de hoje apresentam sentimentos de tédio e vazio, que, além de serem indicativos de sofrimento psíquico, podem também ser considerados como uma forma de oposição ou rebeldia frente aos prazeres sugeridos e praticados pelos adultos. Assim sendo, os autores ressaltam que os adolescentes atualmente, tentam construir uma saída depressiva frente à dificuldade de gozar irrestritamente, sugerindo que ficar deprimido ou entediado, seria uma maneira de resistir e desaprovar o gozo dos pais e da sociedade, bem como se recusar a compartilhá-lo.

A partir destes levantamentos, é possível refletir que a adolescência não é somente a passagem de uma “crise existencial”, sendo natural deste período, que o adolescente comece a se questionar sobre determinados fatores que até então, não tinha entendimento. Ana Freud et al (1972 apud LEVISKY, 1998), ressalta que um dos fatores que contribuem para a tensão entre os adolescentes é a obrigação de corresponder às exigências da sociedade (fazer escolhas profissionais, estudar, trabalhar, assumir responsabilidades financeiras e sociais), justamente em um momento cujo a energia do adolescente está voltada para o seu o seu crescimento somático e sexual.

Desse modo, é possível pensar conforme Levisky (1998), que o adolescente ao ser tomado por um turbilhão de transformações, passa a sentir-se desorientado, não conseguindo entender seus impulsos sexuais e agressivos, vivendo em um estado de certa confusão entre o que lhe era conhecido e familiar com as transformações nas quais está passando neste momento. Ainda conforme o autor, a crise de identidade da adolescência é decorrente de duas forças: uma, que impulsiona o adolescente para a vida adulta, e a outra, para os privilégios ainda da vida infantil. O adolescente, ao mesmo tempo que deseja manter os privilégios de quando criança, também quer adquirir uma vida adulta. Porém, é neste momento que o mesmo se depara ao ter que corresponder as exigências de seus pais e da sociedade em geral.

2.2 A crise é da adolescência ou da sociedade e da cultura? Uma perspectiva de compreensão clínico-reflexivo através de um Serviço – Escola

Conforme foi ressaltado anteriormente, a adolescência é uma fase permeada por transformações, que muitas vezes, fazem com que o adolescente seja considerado como o “problema” ou apenas como o alvo de um sintoma que é de origem familiar e social. A psicanalista Aberastury (1983, p. 31), já dizia: “Não creio que se possa falar de uma crise de juventude, senão de uma forma de crise dos jovens dentro de uma sociedade em crise”. Assim sendo, é importante que se possa pensar qual o lugar que o adolescente vem ocupando na sociedade contemporânea, bem como, se está sendo compreendido e acolhido diante dessas transformações no qual se depara em sua adolescência.

De acordo com Gauderer (1994), a queixa mais comum dos pais que se referem ao adolescente, muitas vezes como “*aborrecente*”, é “*meu filho não fala comigo*”. O autor reforça que os pais, costumeiramente, buscam psicoterapia pois veem o filho como alvo de preocupações e descrevem um quadro de falta de controle sobre a situação, se sentindo desorientados. O autor ressalta que o curioso, é que se formos escutar o adolescente, poderá ser identificado que a queixa é a mesma dos pais, só que invertida: “*meus pais não tem tempo para falar comigo*”. Isso nos mostra que estamos o tempo todo voltados para o outro: é o outro, ou seja, a culpa é sempre do outro.

A partir da experiência em um Serviço-Escola, foi possível constatar que muitos pais encontram-se desorientados, passando por uma situação de crise ao lidarem com seus filhos adolescentes. Porém, percebeu-se essa desorientação dos responsáveis por adolescentes, justamente por estes responsáveis se encontrarem em situações de fragilidade, nas quais, não conseguem ter um controle ou equilíbrio sobre as suas próprias vidas. O responsável, chega até o *setting* terapêutico, em busca de uma “solução” para o seu filho adolescente que encontra-se em “crise” e logo começa a expor sobre o seu próprio sofrimento psíquico, esquecendo-se da demanda que lhe impulsionou a procurar ajuda para o adolescente e trazendo à tona os seus problemas.

Também foi possível identificar através da psicoterapia com adolescentes, da psicoterapia com os responsáveis pelos mesmos e de um grupo terapêutico realizado para os responsáveis, que um dos fatores que causam maior sofrimento psíquico nos adolescentes, é a separação dos pais. De acordo com Gauderer (1994), a separação é sempre uma situação

extremamente traumática e dolorosa para todas as pessoas envolvidas, não só para os filhos. Há uma grande preocupação sobre como preparar o filho, o que dizer, não dizer e um descuido da parte dos adultos de se preparem para a separação. Apesar de ser algo comum hoje em dia, a separação certamente é muito dolorosa, porque na realidade, envolve perdas e um processo de luto a ser enfrentado. A criança ou o adolescente, se sente divididos, pois são convocados a tomarem partido ou se posicionarem.

Com a separação dos pais, percebeu-se a participação ativa das avós em relação aos adolescentes, dando o suporte necessário e realizando o papel que deveria ser exercido pelos pais. De acordo com Cardoso e Brito (2014), com o atual contexto de relações familiares, os pais e mães, diante de diversas responsabilidades assumidas (profissionais, parentais e pessoais), encontram dificuldades para conciliar tudo isso, principalmente quando o assunto é os cuidados com o filho. Desse modo, existe uma grande porcentagem de avós que participam da criação de seus netos, ofertando maior disponibilidade de tempo para cuidar dos netos, sendo que muitos destes avós, por vezes, fornecem o apoio afetivo e moral que a criança ou adolescente necessita no momento, que deveria ser feito pelos pais.

Ainda, outro aspecto percebido neste Serviço-Escola e que merece atenção, são os conflitos conjugais, no qual, afetam diretamente o adolescente. “Os conflitos conjugais tendem a afetar negativamente todo o funcionamento familiar e demais subsistemas, incluindo as relações parentais, além de estarem associados a problemas de comportamento dos filhos”. (BOAS; DESSEN; MELCHIORI, 2010, p.94). Assim, percebeu-se casais que ao estarem por um longo período juntos, apresentam conflitos conjugais que expõem o adolescente a situações conflituosas, envolvendo, muitas vezes, brigas, agressões, discussões, o que acarreta ainda mais sofrimento para o adolescente ao presenciar tais conflitos entre os pais.

Conforme Paladino (2005), a psicanálise coloca que a família apesar de ter sido reconfigurada, ainda é o controle e apoio do adolescente. Porém, Paladino (2005) complementa que a família contemporânea se mostra com funções parentais cada vez mais fragilizadas, no sentido de não conseguir exercer autoridade sobre os mesmos. Pode-se pensar desse modo, que vivemos em uma sociedade individualista e narcisista, no qual, os pais sentem-se incapazes de situarem a lei e se situarem como lugar de interdição e identificação, seguindo os princípios básicos da psicanálise.

Ainda Paladino (2005), complementa que o princípio de autoridade, como referencial no seio da família, encontra-se visivelmente em crise. Assim sendo, a autora menciona que

com a quebra do modelo familiar, os jovens ficaram totalmente em uma situação de abandono, sem que surjam de forma explícita os conflitos entre as gerações. Portanto, Aberastury (1983) reforça que devido a sociedade narcisista, o indivíduo não tem mais espaço para manifestar seu sofrimento, não conseguindo lidar com suas frustrações. Assim, falta espaço para o adolescente se constituir como sujeito e para a sua subjetividade/singularidade.

De acordo com Levisky (1998), o adolescente ao se deparar com tais circunstâncias, se sente só, sem os pais externos que ele ataca e sem os pais da infância que ele está destruindo. É nessa solidão, que se vê diante de si mesmo e começa a se interrogar sobre determinadas situações de sua vida. Neste momento, muitas vezes, o grupo de iguais poderá servir como rede de apoio para acolher suas angústias e temores, no sentido de ser continente. E assim, o adolescente começa a lançar-se sobre uma identidade adulta, buscando novos modelos, além dos familiares, para sua identificação, sendo seus valores substituídos e resinificados.

Levisky (1998), ainda reforça que apesar dos pais terem plena consciência dessa fase de seus filhos, sendo tolerantes e compreensivos, é inevitável que surjam angústias, dúvidas, medos, incertezas, ciúmes, invejas e raivas acompanhados de amor e admiração. Além disso, na maioria das vezes, é na adolescência do filho que ressurgem questões dos próprios pais, vivendo momentos de um estado emocional que se assemelha ao do adolescente, permeados por sentimento de impotência e ambivalência em relação aos seus filhos.

Para Mannoni (1999), os adultos que não estão em crise, não deixam entretanto, de ter problemas e com certeza as crises dos adolescentes são influenciadas por tais problemas dos pais. Em termos analíticos, o autor ressalta que os jovens escolhem novos modelos identificatórios e que, frequentemente, não os encontram. Mannoni (1999), faz alusão à Winnicott ao dizer que o autor tem razão ao assinalar os efeitos da carência do meio familiar. De acordo com o autor, o conflito do adolescente com a família é sempre presente, mesmo nos casos bem “normais”, no qual, uma terapia não é necessária. Winnicott pensa que a sociedade deve aceitar as crises de adolescência como um fato normal, mas ele vai mais longe: a sociedade deveria evitar buscar um “remédio” para isso. (MANONNI, 1999). Dessa forma, Mannoni (1990, p. 20) aponta que

Não se deve combater a crise da adolescência, não se deve curá-la, nem encurtá-la, mas antes acompanhá-la e, se soubéssemos como, explorá-la para que o sujeito dela tire o que de melhor puder. O jeito, em todo caso, é aceitá-la.

De acordo com Robertie (1999), a crise do adolescente corresponde em espelho à crise parental. O que está em jogo, é a passagem progressiva de uma relação pais-criança a uma relação adulto-adulto, ou seja, à explosão pulsional do adolescente pode corresponder a revivescência de certas forças pulsionais recalcadas nos pais e a suspensão parcial do recalque. Essa crise parental, é marcada por um trabalho de luto, situada em diversos níveis, em particular no plano narcísico e no plano ideal do eu.

Para Jordão (2008) a crise parental surge em relação ao adolescente, no momento em que os ideais projetados pelas figuras parentais, geralmente associados aos narcisismos materno e paterno, bem como com os “sonhos” não vividos por eles, não são satisfeitos. O adolescente permanece, muitas vezes, aprisionado a esse narcisismo parental, através de uma identificação alienante aos desejos dos pai, no qual, submete-se a estes desejos, como forma de garantir um lugar na dinâmica familiar. Desse modo, a culpa, o ressentimento e o medo são fatores que geralmente contribuem para que o adolescente tenha dificuldade em assumir seu próprio desejo e construir seu projeto de vida a partir de suas escolhas. Diferenciar-se das expectativas dos pais desperta sentimentos e angústias difíceis de serem elaboradas pelos adolescentes, pois a construção de seus próprios projetos envolvem um intenso processo de individuação e diferenciação dos pais.

Jordão (2008) ainda reforça que o afastamento do adolescente em relação ao discurso, opiniões e ideais dos pais, despertam no adolescente sentimentos de ameaça e frustração. Todos os envolvidos no processo da adolescência passaram por lutos que precisarão serem elaborados, configurando-se uma desestruturação e reestruturação no psiquismo, na busca de uma identidade, tanto dos pais quanto dos filhos. Jordão (2008) expõe que os desafios da análise de adolescentes são diversos, no sentido de que é necessário com que os pais participem do tratamento. Assim, os pais ao se defrontarem com a adolescência dos filhos, precisarão resignificar a passagem por essa etapa e elaborar suas angústias.

Conforme Salles (2005), atualmente existe uma maior liberdade para os jovens usufruírem de um gozo sem limites e uma significativa diminuição da autoridade e controle paternos. A autora reforça que minimizam-se as diferenças entre as gerações e exalta-se a juventude, fazendo com que os adultos queiram voltar a ser jovens novamente. Ainda conforme a autora, o adolescente começa a possuir liberdade de direitos e uma relação muito mais igualitária para com o adulto atualmente, e dessa maneira, os pais entram em um processo de confusão, não sabendo mais o que pode ser considerado como certo ou errado.

Assim, o jovem torna-se um modelo para as diferentes faixas etárias. Aumenta-se o desejo e a necessidade de ser conservada a juventude. Salles, (2005, p.39) menciona que “o envelhecimento tende a ser postergado. Há, hoje, um imaginário social de juventude que leva os pais a abandonarem sua autoridade e disfarçar sua idade - “meus filhos são meus amigos”. Saliencia ao dizer que a cultura do consumismo tende a igualar a criança, o adolescente e o adulto, no qual, a felicidade e o prazer estão muito atrelados à posse de bens materiais, confundindo o adolescente sobre o que é ter e ser.

2.3 Por fim... Existe um lugar para o adolescente se constituir enquanto sujeito atualmente?

Conforme foi ressaltado anteriormente, o adolescente transita por uma fase onde ocorrem diversas transformações, tanto em si quanto em sua família de origem ao se deparar com a adolescência. De acordo com Tubert (1999), é fundamental considerar o lugar que o adolescente ocupa nas relações familiares, já que a família é a singularização da estrutura familiar própria de cada classe social e, ao mesmo tempo, o veículo de transmissão dos sistemas simbólicos dominantes. Geralmente a identidade do adolescente está centrada na imagem de si mesmo, integrada pela imagem (ideal do eu) que os pais tem do mesmo dentro da estrutura familiar, ficando assim marcado pelo lugar que se ocupa no desejo do outro.

Pratta e Santos (2007) consideram que a família é o primeiro grupo social do indivíduo, sendo vista como a unidade básica da interação social. Assim sendo, faz-se importante refletirmos que a família exerce um papel fundamental na vida dos adolescentes. Apesar de suas modificações ocorridas e que abarcam benefícios e malefícios ao adolescente, a família sempre irá continuar ocupando um papel central no contexto social, permanecendo como uma instituição valorizada e reconhecida. (PRATTA; SANTOS, 2007). Conforme Pratta e Santos (2007) a adolescência é um período marcado por diversos problemas e conflitos dentro do contexto familiar, nos quais, há o aumento de brigas e disputas entre os pais e filhos, porém a aproximação dos pais para com seus filhos é de extrema importância, apesar do adolescente querer permanecer mais recluso, em seu próprio mundo.

Stengel (2011a) afirma que com o modelo de uma família igualitária, aumentou-se a possibilidade de amizade entre pais e filhos, à medida em que o ideal é o de igualdade e respeito entre os membros. Desse modo, pode-se considerar que as relações de

distanciamento, falta de diálogo e separação mais radical entre pais e filhos, que faziam parte da família hierárquica, são substituídas pela tentativa de um diálogo constante e aberto, caracterizando uma relação de amizade.

Porém, se o diálogo passou a fazer parte, os pais foram criando dificuldades em sustentar uma posição de autoridade perante os filhos. Para Stengel (2011a), a fragilidade que as famílias contemporâneas têm vivido pode ser entendida através de um discurso e/ou uma prática que garanta a elas – pelo menos em fantasia ou intenção – uma indissociabilidade. Devido a isso, diversas tentativas têm sido feitas em relação aos adolescentes e uma destas tentativas, que segue essa lógica mais igualitária, é justificada pelo discurso da amizade no interior da família, seja entre pais e filhos ou entre irmãos.

Para Coutinho (2005), no mundo contemporâneo, a adolescência tornou-se um ideal cultural, que todos desejam alcançar e nela permanecer eternamente. A autora nos mostra que o ideal cultural da adolescência, nos faz pensar, em um sintoma que é do social, em uma cultura que exalta a liberdade a qualquer custo, do gozo sem limites. A adolescência, é vista pelos adultos como um período em que o jovem se mostra com um comportamento mais rebelde frente aos valores instituídos. Porém, é importante pensar que essa “rebelia”, é consequente de uma reprodução da sociedade capitalista, consumista e narcisista, regida pela lógica do prazer individual e da satisfação imediata, onde não há lugar para a castração ou para a falta.

Conforme Stengel (2011b), os pais, que anteriormente eram tidos como heróis por seu filho na infância, são destituídos desse lugar, passando a ocupar um lugar de estranhamento frente ao filho. Além disso, os pais também possuem dificuldades em reconhecer seu filho, pois até mesmo o corpo que ele ocupa não é mais o mesmo, ou seja, a imagem da criança desaparece. A autora afirma que a descoberta dos pais que seus filhos não são mais crianças, gera um temor, no qual, os pais se posicionam de forma ambivalente frente aos filhos, desejando que cresçam depressa e tornam-se independentes, por um lado, ao mesmo tempo que reforçam comportamentos de dependência, por outro.

Desse modo, se o adolescente é muito exigido de um lado, e reforçado para comportamentos de dependência de outro, existe algum espaço e tempo para ouvi-lo em sua totalidade? Qual é o espaço que as famílias e a sociedade em geral vem proporcionando aos adolescentes para que se sintam pertencentes e acolhidos? Conforme Jordão (2008), o objetivo do tratamento psicoterapêutico com o adolescente, será sempre buscar identificações

estruturantes para o mesmo, na construção de uma identidade própria, autêntica, íntegra e não mais existir através de identificações alienantes. Assim, através desta subjetivação genuína, o adolescente terá a possibilidade de romper com a posição de condicionar a vida em função do outro, podendo passar do ego infantil ao ideal de ego adulto.

Jordão (2008) reforça que a psicanálise irá contribuir ao tratamento, no sentido de oferecer um espaço para a escuta do adolescente e de sua família, podendo elaborar questões pertinentes que estão vindo à tona. O autor complementa que é importante que o psicoterapeuta possa estar atento às projeções feitas pelos pais em relação aos seus filhos, ao mesmo tempo em que deverá auxiliar no processo de individuação e diferenciação do adolescente. O psicoterapeuta, precisará primordialmente, possibilitar um espaço de escuta para o adolescente para que o mesmo se sinta acolhido de forma integral, bem como este espaço também servirá para que seus pais possam refletir sobre seus respectivos sofrimentos, entendendo que o adolescente é o reflexo, muitas vezes, de uma turbulência familiar, no qual, tais responsáveis também estão passando por conflitos que atingem diretamente o adolescente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de recortes bibliográficos realizados, bem como da experiência em um Serviço-Escola, foi possível constatar que o adolescente vem buscando incessantemente um lugar na sociedade contemporânea e a confirmação de sua família. Conforme foi levantado por diversos autores, vivemos em uma sociedade que encontra-se em plena “adolescência”, passando também por crises e problemas. Desse modo, deparamo-nos com adultos que não estão conseguindo proporcionar um espaço para o adolescente se expressar e se subjetivar, além de não terem um tempo destinado em suas vidas para cuidá-los, orientá-los e ampará-los. A sociedade atual neoliberal vive em constante narcisismo e conflito, no qual, há uma grande competição entre as pessoas em busca da não frustração. Luta-se pelo sucesso individual, através da lógica do consumismo, no qual, poderá conquistar-se tudo o que quiser. Assim sendo, a imagem que é ofertada ao adolescente é uma imagem superficial, onde o adolescente encontra-se desorientado em relação ao que precisa ter e ser realmente para se constituir enquanto sujeito.

Em decorrência das mudanças provocadas com o passar dos anos, criou-se um novo jeito de entender a adolescência. O adolescente atualmente, possui uma gama de possibilidades, direitos e principalmente liberdade para fazer tudo aquilo que deseja, ao mesmo tempo que não deseja arcar com as consequências de suas atitudes. Como foi mencionado anteriormente pelos autores, ao longo do tempo, os modelos hierárquicos passaram a se desconstituir e as relações entre adultos e adolescentes tornaram-se mais igualitárias. Este, apesar de ser um fator positivo, também fez com que os responsáveis por adolescentes fossem perdendo a autoridade e o controle sobre a vida de seus adolescentes, bem como, há uma grande expectativa em relação ao adolescente para que o mesmo corresponda as exigências de seus responsáveis. Além disso, os responsáveis despertam no adolescente o desejo de viver de modo que usufrua de toda a liberdade, de gozar da vida sem limites, já que não tiveram a possibilidade de viver “sem restrições” em suas adolescências, havendo uma projeção por parte dos pais de que seus filhos façam aquilo que eles não puderem fazer.

Assim sendo, é importante considerarmos na clínica psicanalítica, que apesar da adolescência ser uma fase de transformações biológicas e psicossociais, não poderá ser descartado a ideia de que a crise não é somente do adolescente, mas também da sociedade em geral, que encontra-se em sofrimento. Por isso, como ressalta Petry (1999, p.56) “a adolescência não é uma doença, é uma etapa entre os sonhos da infância e as realizações do adulto, etapa ao longo da qual o adolescente descobre o que não deu certo na geração que o procedeu”. Assim sendo, é possível encarar a adolescência de maneira mais natural, sendo um período cujo todos percorrem em suas vidas. Além disso, é relevante refletir sobre as possibilidades de espaços que estão sendo criados que promovam a escuta e o amparo de tais adolescentes, bem como de seus responsáveis que encontram-se perdidos e desorientados, para que se sintam acolhidos e possam pensar sobre este assunto.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência*. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando Famílias*, dez. 2015, (34-42). Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a04.pdf>> Acesso em: 10 set. 2017.

BOAS, A. C. V. B. V.; DESSEN, M. A.; MELCHIORI, L. E. Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n2/v62n2a09.pdf>> Acesso em: 03 out. 2017.

CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. de. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 19, n. 3, p. 433-441, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v19n3/07.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social? Pulsional, *Revista de Psicanálise*, 2005. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181_02.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

GALLATIN, Judith E. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1986.

GAUDERER, Christian. *A vida sem receitas: porque os adolescentes não entendem seus pais, porque os pais não entendem os adolescentes*. 2ª edição, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1994.

JORDÃO, Aline Bedin. Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n27/n27a12.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

LEVISKY, David Léo. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. 2ª edição. Rev. e atual. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MANNONI, Octave. A adolescência é “analisável”? In: DELUZ, Ariane; et al. *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras e pedagogos*. Rio de Janeiro – Companhia de Freud, 1999.

PALADINO, Erane. *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. São Paulo – Casa do Psicólogo, 2005.

PETRY, Philippe. Trajetos de adolescentes dentro e fora das instituições. In: DELUZ, Ariane; et al. *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras e pedagogos*. Rio de Janeiro – Companhia de Freud, 1999.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*. Maringá, vol. 12, n2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>> Acesso em: 10 set. 2017.

ROBERTIE, Louis de La. O adolescente e a família. In: DELUZ, Ariane; et al. *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras e pedagogos*. Rio de Janeiro – Companhia de Freud, 1999.

ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia ciência e profissão*, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v28n3/v28n3a14.pdf>>. Acesso em: 10 set.2017.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, Campinas. Janeiro – março, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n1/v22n1a04.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SEI, Maria Bonafé; ZUANAZZI, Ana Carolina. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 89-108, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n2/06.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

STENGEL, Márcia. Discursos de pais e mães sobre a amizade em famílias com filhos adolescentes. *Paidéia*, 2011a. Disponível em: <<http://www.fiap.redalyc.org/articulo.oa?id=305423783009>>. Acesso em: 10 set. 2017.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez. 2011b. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n3/v17n3a11.pdf>> Acesso em: 10 set. 2017.

TUBERT, Silvia. *A morte e o imaginário na adolescência*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.